

DESP (ZAP)
22/8/96 96
261

VESTIBULAR

Cara-pálida é dentista na floresta

Recém-formada em Odontologia inicia carreira tratando dos índios do Xingu

ROSA MARIA GURGEL FARABOTTI
Especial para o Estado

Avontade de conhecer a Amazônia e os diferentes povos da floresta me levaram ao Parque Nacional do Xingu, onde trato dos dentes dos índios. Também queria unir meu trabalho com um ideal de vida, que é conhecer novos lugares.

Logo que me formei, no final do ano passado, fiquei sabendo do projeto por uma amiga. Bastante interessada, fui me informar melhor. O Projeto Xingu é ligado ao Departamento de Medicina Preventiva da Escola Paulista de Medicina e é financiado por organizações internacionais. Já atua há 30 anos na área, assistindo os índios com médicos, enfermeiras e dentistas. Era exatamente o que eu queria.

Apesar de a minha família e meus amigos não terem entendido muito bem o que uma dentista recém-formada ia fazer no meio do mato, acabei caindo na estrada. Em maio, parti para a reserva, como colaboradora, para ver se eu me adaptava e se os índios gostariam do meu trabalho. A viagem demorou três dias, de muito buraco e poeira, dentro de um Toyota, e mais três horas de barco.

O parque tem 32 mil quilômetros quadrados de área, fica ao Norte do Estado do Mato Grosso e se estende ao longo do Rio Xingu, afluente do Amazonas. Existem 17 nações indígenas de diferentes grupos linguísticos vivendo ali – distribuídas por 28 aldeias e nove postos indígenas de vigilância.

Fiquei na reserva dois meses e acabo de ser contratada. Agora, estou em São Paulo, onde passo 20



Rosa com sua clientela de estréia: consultório embaixo de uma mangueira e formação de monitores entre os índios

dias para cada dois meses na selva. "Moro" em uma casa na região central do parque, mas fico mais tempo rodando pelas aldeias. Meu cotidiano no Xingu é percorrer aldeia por aldeia atendendo os índios. Eu os ensino como escovar os dentes e lhes dou noções básicas de saúde bucal e geral. O objetivo é formar monitores entre eles.

O programa de saúde bucal tem como base prevenção e educação. É importante cuidar dos dentes dos índios, mas, mais importante ainda, é ensiná-los como cuidar dos próprios dentes.

Por isso, o apoio do monitor indígena de saúde bucal é de grande valor para o trabalho com a comunidade.

Lá, uso o barco como meio de transporte. Como o parque é imenso, ir de uma aldeia para outra pode demorar horas ou até um dia inteiro. Levo uma cadeira portátil e sempre procuro um lugar com sombra e um pouco mais fresco para montar o "consultório". Geralmente, faço o trabalho debaixo de uma mangueira.

No Xingu, tudo pode ocorrer. Temos de estar preparados para encarar uma rotina de dormir em redes, tomar banho no rio e ficar horas em volta do fogo escutando histórias de antigamente como a da *Diauarum*,

uma onça preta que vive nas águas de uma lagoa, onde há um posto indígena.

O trabalho com os índios é apaixonante e deve ser feito com o coração. É maravilhoso poder conviver com uma sociedade indígena e poder observar que é perfeitamente possível a coexistência da medicina indígena e da medicina ocidental, em clima de mútuo respeito. O pajé cura uma

parte das doenças de índio e nós curamos outra: as doenças que os brancos levaram, como, por exemplo, a cárie, gripe, diarreia, tuberculose...

■ Rosa Maria Gurgel Farabotti, 23 anos, se formou em Odontologia pela Unip, em 1995.

